



ROMÃO, Eliana Sampaio; SANTOS, Isa Regina dos Anjos dos. Educação, ensino e leitura: a palavra entre escorpiões de borboletas. **Revista Épicas**. N. 18 – dez 25, p. 69-84.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2025.v18.6984>

EDUCAÇÃO, ENSINO E LEITURA: A PALAVRA ENTRE ESCORPIÕES E BORBOLETAS

EDUCATION, TEACHING AND READING: THE WORD BETWEEN SCORPIONS AND BUTTERFLIES

Eliana Sampaio Romão¹
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Isa Regina dos Anjos dos Santos²
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO: O presente artigo, fruto de pesquisa bibliográfica, ressalta o livro como tecnologia atual, que vem ao encontro de uma educação buliçosa e libertadora. Tem como objetivo mostrar, além da relação leitura e educação, a importância de aprender e gostar de ler, em particular, na educação básica seja em voz alta, em silêncio, em (com)partilha(mento) e só, mas em diálogo fecundo com o autor e impulsionado a difundir com outros lições daquela leitura. Adverte que é necessário aprender a ler e ter acesso a diferentes gêneros textuais desde a infância, quando crianças ainda bem pequenas, de modo a se tornar um adulto leitor e agente partícipe do melhoramento da humanidade, autor de experiências exitosas no ofício de professorar. Destaca como fundamental privilegiar o livro – seja impresso, seja eletrônico – no ofício de ensinar e validar o valor da palavra e arte de palavrar na elevação da humanidade. Tem como marco teórico: Freire, Manguel, Queirós, Pennac.

Palavras-chave: ensino; educação; leitura; arte.

Abstract: This article, based on bibliographic research, highlights the book as a contemporary technology that meets the needs of a lively and liberating education. Its aim is to show, in addition to the relationship

¹ Doutorado em educação UNICAMP (2004). Pós-doutorado em leitura e escrita UP – Universidade do Porto. Portugal (2015), Pós-doutorado em Pedagogia da Infância UNICAMP (2024). Email: elianaromao@uol.com.br

² Doutorado em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (2011). Professora Associada do Departamento de Letras/Libras da Universidade Federal de Sergipe.

between reading and education, the importance of the act of reading—whether aloud, silently, shared, or individually – in a fruitful dialogue with the author. It emphasizes that learning to read having access to different textual genres from early childhood is essential to becoming an adult reader and an active participant in the improvement of humanity, as well as a successful educator. It underlines the importance of valuing the book – whether printed or electronic – in the task of teaching and validating the value of the word and the art of speaking in elevating humanity. The theoretical framework includes Freire, Manguel, Queirós, Pennac.

Keywords: teaching; education; reading; art.

Introdução

Procura da Poesia.
Penetra surdamente no reino das palavras
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
Há calma e frescura na superfície intacta.
Ei-los sós e mudos, (...)
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros.
Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize (...) com seu poder de palavra e seu poder de silêncio. (...)
Chega mais perto e contempla as palavras, (...)” (Drumond, 2022).

Cada uma delas, tem mil faces; mil dizeres; mil sentidos; mil silêncios; mil formas de expressá-las, de quase sempre encantar aquele que escuta, mas é preciso chegar mais perto mais perto da palavra e contemplá-las como são contempladas as obras de Picasso, de Portinari, de Velásquez, de Van Gogh, de Tarcila do Amaral. Arte de palavrar. A palavra que é admirada como se fosse arte. Arte que provoca paradas de admiração e descanso diante do encantamento que ela produz ao mesmo tempo que eterniza seu criador. Mas o mundo não é somente de artes, de poesias, de cantos e de flores.

“O mundo está fora dos gonzos”(1599 e publicada 1603). Nunca, uma afirmação, dita pelo personagem da peça de Shakespeare(príncipe Hamlet) encenada há tantos séculos, foi tão atual. Mas se é certo que o mundo está fora dos gonzos, é certo, igualmente, que a arte, aliada da educação, está se queixando, a docência perdeu o desejo de docer, o professor pede paradas de luz, a educação pede prioridade na vida das pessoas, nas diversas instâncias em que se insere e dela necessita para garantir a transformação. E se a educação não é a chave, nem a alavanca para transformação, sem ela tampouco a sociedade muda (Freire, 2001).

Nenhuma sociedade se transforma sem que a educação seja, de fato, valorizada; sem o aprimoramento de sua cultura; sem que a arte seja acarinhada; sem que a docência seja renovada; sem que a ciência; a cultura e a pesquisa sejam enaltecididas; sem que o ensino e o/a

profissional que por ele responde tenha lugar cativo, sem que a educação inclusiva, equitativa, de qualidade prevaleça desde o começo da educação básica, lá na educação infantil.

Educação que acolhe as crianças em suas diferenças, em seus ritmos, em suas capacidades. Educação que faz valer o direito do aluno de ser incluído e se descobrir interagido. De acordo com Pennac, a sabedoria pedagógica deveria ver o “aluno lerdo” como o mais normal possível: “aquele que justifica função de professor/a. Nós temos que lhes ensinar tudo a começar pela necessidade de aprender. Ora, isso não é pouco” (Pennac, 2008, p. 213). Educação que pede o reconhecimento do aluno, seja criança bem pequena ou não, enquanto diverso. Não há dois alunos iguais em qualquer que seja o nível, etapas e modalidades de educação.

Nenhum deles aprende da mesma forma, nenhum deles tem o mesmo grau de interesse, nenhum deles tem o mesmo nível de capacidade, nenhum deles é igual ao outro, nem tampouco, inferior. É dessa educação que esperançamos. Uma educação que abomina a intolerância. E se indigna com a “incapacidade de conviver com o diferente”. Mas não apenas isto.

Diz também da “incapacidade de descobrir que o diferente é tão válido quanto nós ou às vezes melhor, em certos aspectos é mais competente. (Freire, 2004, p.62). Mas a tendência é “rejeitar o diferente”, olhar com espanto para o diferente, se mostrar superior ao diferente e, até “salvador do diferente”, e nunca, ao contrário, ser “salvo pelo diferente”. Incapaz de ver o outro como distinto, cria barreira para o principal, senão o primeiro, papel da escola – ensinar a conviver e tirar de convivência seus ensinamentos. Não há duas crianças iguais na face da terra, mesmo semelhantes, são sempre diferentes. Assim como as folhas.

Não há, não, duas folhas iguais em toda criação. Ou nervura a menos, ou célula a mais, não há, duas folhas iguais. Limbo todas têm, que é próprio das folhas; pecíolo algumas; bainha nem todas. Umas são fendas, crenadas, lobadas. Outras acerosas, redondas, agudas, macias, viscosas, fibrosas, carnudas. Nas formas presentes, nos atos distantes, mesmo semelhantes são sempre diferentes. Umas vão e caem no charco cinzento, e lançam apelos nas ondas que fazem; outras vão e jazem sem mais movimento. Mas outras não jazem, nem caem, nem gritam apenas volitam nas dobras do vento. É dessas que eu sou. (Antônio Gedeão, Poesias Completas, 1956-1967)

“É dessas que eu sou”. É desses que eu somos e somos muitos. Desde criança bem pequena - única, singular, com rosto, com corpo de carne e osso querendo passar. Criança que quer o colo, que pede diariamente licença do adulto para ser e viver sua infância. Daí depende todo o resto. E do que é feito da criança no seu presente determina o que será essa criança no seu futuro. E o que ela será capaz de fazer com o que dela foi feito tem seu começo na educação infantil que, por sua vez, adverte o ideário freiriano, precisa da Universidade. Desde bebês e na mais tenra idade pede professores bem-preparados; que tem afeto, em primeiro lugar por gente, gente miúda; tem gosto pelos livros; encontra tempo para ler; estudar; aprender e pôr sob suspeita o que sabe. Aquele que ensina com arte e afeto; que sabe para onde vai e por quais

caminhos caminhar para chegar lá, pois que caminho que não chega a lugar algum “não precisa existir”. Aquele que seleciona a palavra que educa; que valida sua palavra enquanto ensina. Palavra buliçosa que desconstrói o pensamento, que desvela o que está oculto, que cala na alma.

Leitura e Arte como canais de Ensino e de Educação

Diferentes autores como Freire, Arendt, Barthes, se aproximam na intenção de mostrar que todo professor ensina, nem todos educam, embora nem sempre, ao ensinar, percebam ou aceitem que separam o ensino da educação, mesmo que acatem que é impossível ensinar sem educar. É o que estamos a desejar, embora nem sempre realize, e esteja convencido de que ao ensinar, educa. “Ao ensinar, educo. Mas as vezes é possível observar alguns comportamentos estranhos nos quais sinaliza uma separação entre ambos (...) Lembra do professor? Ele sabia dar ótimas aulas de matemática. Mas não passava disso (Freire, 2011). Do mesmo modo que ensinar evoca o outro, a leitura se vale da mesma necessidade. Sua consequência lógica é, conforme Manguel, o impulso de compartilhar com o outro, “de pegar um amigo pelo braço” e levá-lo até aquelas páginas da leitura que tanto comoveu, iluminou, encheu de inquietação e felicidade (Manguel, 2021).

No sentido amplo, a endoculturação se faz, pois que se educa a cada minuto de vida, em cada canto da terra, cada pessoa com a qual um indivíduo em formação entra em contato, em relação, as vezes casualmente, de passagem, outras vezes, em lugar destinado a professoralidade. Mas, no sentido restrito, escolarização que se realiza no interior de instituições de ensino, nem todo professor, enquanto ensina, educa. Apenas entrega a matéria. Está, todavia, a ensinar (*in-signare*). Está a marcar seus alunos com sinais, mas nem sempre esses sinais potenciam o aluno a passar de um lugar para o outro (*educare*) e seguir além do ponto de chegada.

O Ensino, embora projetado para fazer parte do processo educativo, não está necessariamente presente na Educação. E, quando está, ocupa uma partícula desse substantivo. O ensino, para um educador russo, é apenas “uma das pétalas dessa flor que se chama Educação. Em educação não há elemento principal, nem secundário, como não pétala principal entre as pétalas que fazem a beleza da flor” (Sujomlinsk, 1975). É relevante criar ocasiões que despertem o interesse do aluno, abrir, tanto quanto possível, sua mochila pesada – não apenas de lápis, borracha e cadernos. É pedagógico levar em consideração os saberes sabidos, as relações estabelecidas, os combinados didáticos. Mas se um dos aspectos que constituem a prática de ensinar vem em detrimento ao outro, corremos o risco de apenas, cumprir ou entregar o conteúdo relacionado no “programa de ensino”, ensinar sem educar.

As chances de vir a ser um bom educador passa inevitavelmente pelo bom professor. Ensino sem educação é vazio e se degenera. com grande facilidade, mas podemos facilmente ensinar sem educar (Arendt, 2000). Ao ensinar, eu edoco, mas tem gente por aí que não sei o que acontece (...) (Freire, 2011). Ensinar não é passar conhecimentos. Nem todas as aulas educam como ocorria com as aulas desses educadores, pois que são aulas que educam não somente pela qualidade do conteúdo, mas pelo modo como as coisas são ditas. (...) num tom absolutamente anti-histérico, com aquela sabedoria saborosa a que pode chegar alguém que sabe muito sobre a linguagem" (Barthes, 2013, p. 73).

Sabe muito sobre linguagem e quer aprender. Sabe se valer da arte de palavrar. Daí a necessidade da professoralidade primar pelo ensino que significa "a arte e ciência de ensinar". Um ofício, portanto, que pede ciência, sim, mas, igualmente, pede arte no seu sentido mais genuíno. Papel que o professor educador, artesão do humano, faz valer.

Professor: artesão do humano

Ninguém nasce humano. Nascemos nada e precisamos de educação para vir a ser. De bocadinhos e bocadinhos humanos o humano se faz. Bocadinhos gerados pela família, pelo entorno, pelas relações humanas. Conforme muito bem descreveu Núria, uma criança de 6 anos ao ser entrevista por ocasião de uma pesquisa recente (Romão 2020) que teve como mote a palavra da criança ao se descobrir lendo e escrevendo. Disse ela diante das influências e ajuda ao ingressar no mundo da cultura letrada:

- Hoje você já se descobriu lendo e escrevendo. Quem influenciou?
- Às vezes, não preciso de ajuda, mas quando não sei a ajuda é boa.
- Ajuda de quem? Indaguei.
- Um bocadinho dos amigos, um bocadinho dos pais, um bocadinho das irmãs, um bocadinho dos avós, um bocadinho dos primos, um bocadinho dos padrinhos e um bocadinho da professora também – ia me esquecendo dela.
- Por que tantos? Indaguei novamente.
- Porque eles sabem. E porque sabem, ajudam. Se a pessoa não souber é melhor não ajudar.
- Ajudar a quê. Continuei provocando.
- Ajudar a descobrir como é que escreve e, ao aprender, gostamos. (Núria, criança portuguesa de 6 anos, entrevista Romão, 2020, p.79)

Núria mostra, além do gosto em aprender a ler e a escrever, um resumo sobre o que é educação. E, portanto, a relação da alfabetização e a educação. Uma relação que necessita ser reconhecida, em particular, por professoras que respondem pelos anos iniciais do ensino fundamental. E quando a ajuda é boa e, assim, promove o gosto e domínio da leitura e da escrita vale a pena.

Nascemos fracos, pouquinhos, dependentes, frágeis, mas potencialmente humanos. Necessitamos, então, da educação para se tornar humano e impulsionar esse lado que estamos genuinamente potenciados para desenvolver. Somos muitas histórias alheias. Somos muitas palavras corporificadas, muitas histórias alheias. Somos muito do que falamos, agimos e escutamos. Assim, tão importante quanto aprender a falar, é igualmente importante, aprender a escutar. Seja o aluno do lado de cá, seja o professor do lado de lá, mas numa mesma canoa. Canoa de saberes.

2.1. Artesão da escuta(tória)

Uma oratória, não é possível sem uma boa “escutatória”. O que permite, além de uma escuta para além do limite da audição comum, abertura a fala do outro, ao gesto, a diferença. Sabe-se que para ter expertise na oratória, é necessário, cuidar, igualmente, da escutatória, embora quase sempre este fique na penumbra em relação àquele, conforme afirma Rubem Alves a preferência da oratória em detrimento a escutatória. O autor diz que sempre ver anunciado curso de oratória, “mas nunca de escutatória”. “Todo mundo quer aprender a falar(...) Ninguém quer aprender a ouvir”. E chegou até a pensar em oferecer um curso de escutatória, mas declinou da que sob o álibi de que ninguém iria se matricular. Escutar é exigente e util. Implica numa “escuta ativa”, num “esforço de se calar e abrir espaço” para que outros possam palavrar. Na mesma linha, Freire (1996), complementa advertindo que ao escutá-lo aprendo a falar com ele.

Pode-se inferir que a escutarória implica em fazer a leitura da linguagem corporal, bem como das emoções e sentimentos. Permite entrar em interlocução, pois que a escutatória promove a comunicação dialgal na direção de construir relações genuínas. Falar bem é tão importante quanto ouvir bem. Como (arte)são, não somente da oratória/palavra, mas, igualmente, da escutatória, ganha lugar o silêncio, a palavra, a escrita. E não basta o silêncio que se escuta “de fora”, mas o silêncio que se escuta “de dentro”. A leitura, a escrita, a escuta(tória), se acarinham numa mesma fonte. Fonte do silêncio. Silêncio de fora, de dentro. Silêncio que fala, que inspira, que provoca, que acalma, que escuta, que envolve aquele que lê. A leitura pede um lugar, pede o silêncio da cidade que ainda dorme ao amanhecer.

No prefácio do livro de Ítalo Calvino (1999), algumas recomendações, a saber parece servir não apenas para os romances.

Ao começar a ler um livro, relaxe. Concentre-se. Afaste todos os outros pensamentos. Deixe que o mundo a sua volta se dissolva no indefinido. É melhor fechar a porta; do outro lado há sempre um televisor ligado. Diga logo aos outros: “Não, não quero ver televisão”. Se não ouvirem, “estou lendo! Não quero ser perturbado!” Com todo aquele barulho, talvez ainda não tenham

ouvido; fale, mas alto, grite: Estou começando a ler (...) se preferir, não diga nada; tomara que o deixem em paz. (Calvino, 1999, p.11)

O autor ainda sugere jeitos variados de fazer a leitura e fazer a escolha mais cômodas para aquele que se dá o privilégio de lê, mesmo reconhecendo que não é fácil encontrar uma posição ideal para leitura, há opções: desde sentado e até de pé, parado, como já foi um hábito no passado. Mas não para por aí.

Estendido, encolhido, deitado. Deitado de costas, de lado, de bruços. Numa poltrona, num sofá, numa cadeira de balanço, numa espreguiçadeira, num pufe. Numa rede, se tiver uma. Na cama, naturalmente... Pode também ficar de ponta cabeça para baixo, em posição de ioga. Com o livro virado, é claro (Calvino, 1999, p. 11).

Não importa onde, desde que ninguém atrapalhe e, com efeito, o leitor seja capturado pela leitura de modo isolá-lo do seu entorno e o silêncio envolva aquele que está a ler, assim como o silêncio de que necessita aquele que está a escrever. De acordo com Orlandi, a escrita permite o distanciamento da vida cotidiana, a suspensão dos acontecimentos. “Ela permite que se signifique em silêncio, escrever é uma relação particular com o silêncio” (Orlandi, 2015, p.83). A importância do silêncio na comunicação é fundamental. Proporciona, ao escutar, me sentir como sujeito, quando a fala comunicante entra no movimento interno do pensamento, virando linguagem. (Freire, 1996).

Que as palavras venham para contribuir com o ensino da Língua, principal arte da professoralidade. Que sejam bem escolhidas e cheguem à audição e pensamento do aluno, não como os escorpiões, mas como as borboletas que surgem no jardim na primavera, surpreendo, completando sua boniteza e promovendo cheiro de paz. Vigotski (2018, s/p), na esteira de Tolstoi, assinala que

Ao ensinar a língua, a principal arte do professor e, em função desse objetivo, o principal exercício para orientar as crianças nas composições está na apresentação dos temas, mas nem tanto na apresentação quanto em proporcionar maior possibilidade de escolha, em indicar o tamanho do texto, em demonstrar os primeiros procedimentos.

Para o autor, muitos alunos tidos como inteligentes e talentosos “escreviam bobagens” e a justificação subjacentes a essas supostas bobagens as ampara em que “eles não compreendiam o mais importante: para que escrever e o que há de bom em escrever? Não entendiam a arte, a beleza da expressão da vida na palavra e “o fascínio dessa arte”.

Tolstoi não disse, e Vigotski esqueceu de completar, mas nos instiga a dizer que ao escrever “bobagens” ou desinteressadamente o professor tem parte nisso criando ocasiões em que o aluno demonstra “ódio” na tarefa de escrever textos, quando por imposição, apenas mais uma tarefa para ser cumprida, quando se resume ou se encerra na falta de sinais atraentes e,

com efeito, na dificuldade de “saber antecipadamente o que há de bom em escrever”, bem como não entender “a arte e beleza” imiscuída nessa ação. Tal entendimento implica, em certa medida, no método eleito pelo professor ou professora para a fascinante experiência de escrever. Recai, portanto, mais sobre a professora da língua do que da criança ou adolescente que está ali pedindo sussurrando entre os dentes, “ensina-me a ler”, “ensina-me a escrever”.

Uma aluna portuguesa do 9º. ano, diz melhor o que queremos elucidar, ao declarar que a experiência de aprender a escrever textos, não pode provocar dor de cabeça, nem tampouco reverberar noutros sintomas que nem sempre são evitados. Joana, aluna portuguesa, 9º. ano ensino fundamental maior, 2015. (Texto difundido no evento “sábados pedagógicos” em Porto - Portugal) gerado numa aula de língua portuguesa. Sem qualquer atrativo ou estratégia didática a professora inicia a aula dizendo: “... vamos escrever um texto, vamos escrever um texto”

Odeio escrever textos, principalmente me dá uma dor de cabeça só de pensar numa introdução.

Como é suposto começar? “Num bonito dia de Verão” ... hum...não, nem sequer estamos no Verão! Hum... e que tal “Num dia chuvoso de inverno” ... hum, também não... então e “naquele dia em que a professora me obrigou a enfrentar a folha listada e escrever um texto” ... Sim, esta parece ser a introdução perfeita.

Não é que odeie tudo o que tem a ver com textos, por exemplo, gosto de ler livros, ler aquelas histórias que parecem não ter fim e etc. MAS... quando se trata de escrever textos, não contem comigo!

Joana, escreve mais textos. Melhora sua escrita, ... não, não, não e não. Vou apenas virar as costas e fingir que não ouvi.

Conclusão, outro bicho-de-sete-cabeças, devo acabar com uma frase que envia uma mensagem ou moral? Simplesmente devo acabá-lo? Milhões de palavras que existem dentro da cabeça das pessoas, enquanto na minha, elas desaparecem, aos poucos, à medida que escrevo.” (Joana, 9º. ano).

Joana, vai além e mostra que a tarefa de escrever um texto não pode vir por imposição da professora, nem tampouco suscitar sentimentos de “ódio” “raiva” ou “aversão” a escrita. Nem, ainda, se valer de palavras vazias, vagas e de advertências que muito pouco ou em nada ajuda a motivar o aluno para aquele propósito. A exemplo das frases, “melhora tua escrita” “veja sua letra”, “escreve mais textos”. Em nada ajudam, insistimos, apenas cria aversão a escrita, a palavra, e distanciamento perante a arte de escrever e até ir à escola. Joana mostra, ainda, que uma boa escrita vem da verdade, verdade que dormita no aluno, e desejo de expressar a palavra. Palavra inspiradora daquele que escreve. E escreve com a alma. Fato que nem sempre é considerado pelo professor de Português que privilegia a gramática, a escrita dentro do rigor da norma culta em detrimento a organização e logicidade do pensamento.

2.2. Artesão da palavra – somos feitos de palavras

A palavra “acorda a memória e altera o desejo” - instrumento primordial para que a educação se constitua. Mas ela também estraga, paralisa, envenena. As palavras ocupam um lugar de elevada importância na formação humana. Mas, ao mesmo tempo que elevam o outro e se traduz em “esplendor”, igualmente, nos remete a “sepultura”. Traduz vida e morte, pois que tem o veneno que mata, destrói, desanima, desencoraja, deprime, deprecia, definha. Há quem chega a declarar medo das palavras mais do que de escorpiões. Esclarece ele: Palavra pode ter “muito veneno”. Queirós (2018) revela que um escorpião o mordeu e doeu como algumas palavras que escuta desde o nascimento. Que as palavras venham como as borboletas para completar a boniteza de nosso jardim e não como escorpiões que envenenam e “quando não matam, aleija”.

Por essa perspectiva, importa ressaltar o papel do professor como artesão, sem ficar à margem da palavra, do humano. E como artesão do humano, é necessário aliar a arte com o conhecimento e, assim, docender. O que tem como base a arte de escutar, a arte de se comunicar, a arte de silenciar, a arte de respeitar o diverso nas suas peculiaridades, a arte gostar de gente e se não gosta de gente, nem de animais deve cuidar porque até os animais sentem que deles não gostam. Mas como responder, como artesão do humano, por ações pedagógicas? Não há um receituário a seguir, mas há pressupostos que jogam luz para ação, quais sejam:

“Cultivar relações por meio de experiências comuns;” compartilhar nossa humanidade; se colocar com perspectiva de mudança; ter disponibilidade de identificar dificuldades didáticas (a partir de suas próprias dificuldades) e partilhar suas experiências a fim de respeitar as emoções e dinâmica de personalidade dos alunos. (exitosas e fracassadas); selecionar com objetividade e “sabedoria pedagógica” os meios pelos quais podem potenciar a prática pedagógica, tais como: o teatro, arte fílmica, o canto, a música, a poesia, a leitura, o livro, entre outros. Não são poucos os autores que de forma notável descreve a importância da leitura e da escrita, o que concentra num livro. E concentra muito. Entre esses autores, Manguel diz com propriedade, a saber.

O livro é muitas coisas. Como um repositório de memória, um meio de transcender os limites de tempo e espaço, um local para reflexão e criatividade, um arquivo da nossa experiência e da reflexão e criatividade, um arquivo da nossa experiência e da experiência dos outros, uma fonte de iluminação, felicidade e, às vezes, consolo, uma crônica de eventos passados, presentes e futuros, um espelho, uma companhia, um professor, uma inovação dos mortos, um divertimento, o livro em suas várias encarnações, da placa de barro à página eletrônica, tem servido há bastante tempo como metáfora para muitos de nossos conceitos e realizações essenciais(Manguel, 2017, p. 20).

Livro, leitura, literatura. Livro para ser aberto. Entrar no livro. Dialogar com ele. Interagir com ele. Sentir-se abraçado por ele. Ser lido. Ao ensinar e envolver o aluno com a leitura equivale a convocá-lo “para tomar da sua palavra”. E ter a palavra, é, antes de tudo, de acordo com Queirós, munir-se para fazer-se menos desconhecido de si. Ler é cuidar-se. Ler permitiu ao leitor romper com “as grades do isolamento”. Ler é também “evadir-se com o outro, sem, contudo, perder-se nas várias faces da palavra. Ler é encantar-se com as diferenças” (Queiros, 2012, p. 12). Ler é criar ocasiões para si de transformação, de educação.

Ninguém continua o mesmo ou a mesma depois de uma leitura instigante. Leitura que se junta a leitura da vida, a leitura do mundo. Leitura que se faz letramundiando e abre os olhos para compreensão da realidade e desvendamento do desconhecido. Os livros, ainda, estão por ler-se e suas leituras possíveis são múltiplas e infinitas; o mundo está por ler-se de outras maneiras; nós outros mesmos ainda não temos sido lidos (Larrosa, 1998). Leitura se engendra com educação. Tem cumplicidade, tem (liga)ação. E cada um A leitura dormita na educação ou a educação dormita na leitura. Leitura de si, leitura do mundo, leitura da palavra. Ao ler letrando, se cria ocasiões da elevação da condição humana, nos fazemos mais humanos.

O que queremos dizer aproxima-se de Pennac, Queirós, Freire quando perguntam ao mesmo tempo que respondem: Há algo mais educativo que ensinar a ler? Queirós, 2012. O dever de educar “consiste, no fundo, no ensinar a criança a ler, iniciando-as na Literatura, fornecendo-lhes meios de julgar livremente se elas sentem ou não a necessidade de livros” (Pennac 2011, p. 130). Ao criar ocasiões de leitura, cria-se também ocasiões preciosas de humanização.

O autor, ainda, fundamenta a afirmação quando diz que “a ideia de que a leitura humaniza o homem é justa no seu todo, mesmo se ela padece de algumas deprimentes exceções. Tornamo-nos mais humanos”, e, portanto, mais generosos, mais solidários, mais gentis, mais altruístas, mais civilizados, mais dialogais, mais comunicantes, mais cuidadosos com o outro. O outro como meu “primeiro ensinamento”. O outro de quem precisamos para ir além da estação em que estamos. O outro como um mundo distinto. O outro como uma biblioteca que fascina, que ensina, que educa.

Por isso o poeta pede, “não me fechem as vossas portas, altivas bibliotecas, pois vos trago o que falta nas vossas repletas estantes, (...)” (Whitman, 2003, p.75). Na mesma linha Manguel diz de outro modo ao lembrar que “os seres humanos, feitos à imagem de Deus, também são livros a serem lidos (Manguel 1997, p. 197). A metáfora serve, esclarece o autor, para entender nossa relação hesitante com nosso corpo, o encontro, o toque e a decifração de signos em outra pessoa. Lemos expressões no rosto, seguimos os gestos de um ser amado como num livro aberto.

O autor ilustra o que afirma na esteira de um poeta do séc. XVII Henry King quando escreveu para sua jovem esposa, já sem vida: “Querida! Desde tua morte prematura minha sina tem sido meditar sobre ti(...): tu és o livro, a biblioteca para onde olho embora quase cego” (Manguel, 1997, p.198). O outro, repetimos, independente do grau afetivo, é sempre uma fonte de ânimo, de força, de vida, de alimento, de educação. E, por isso, uma metáfora sempre nos leva a outra. O livro e educação tem como ponto comum o alimento, pois do mesmo modo que o saber pede para ser saboreado, do mesmo modo ocorre com a leitura. O autor, ainda, resume o que queremos dizer:

Tal como escritores falam em cozinhar uma história, misturar os ingredientes do enredo, ter ideias cruas para uma trama, apimentar uma cena, acrescentar pitadas de ironia, pôr molho, retratar uma fatia de vida, nós, os leitores, falamos em saborear um livro, encontrar alimento nele, devorá-lo de uma sentada, ruminar um texto, banquetearmo-nos com poesia, mastigar as palavras do poeta(...) em um ensaio sobre a arte de estudar um erudito inglês do século XVI, Francis Bacon catalogou: alguns livros são para se experimentar; outros para serem engolidos e uns poucos para mastigar e digerir” (Manguel, 1997, p.199).

Que os livros sejam abertos, lidos e mastigados. O livro “na minha estante não me conhece até que eu a abra, e, no entanto, tenho certeza de que ele se dirige a mim – a mim e a cada leitor – pelo nome; está à espera de nossos comentários e opiniões” (Manguel, 1999, p.107). Que sejam digeridos, saboreados, banqueteados. E quanto mais degustados, mais a leitura se aconchega na educação.

Além do alimento, mais um ponto comum se evidencia na aproximação leitura e educação, conforme já sinalizado, o outro. O outro não necessariamente como “porto de chegada”, mas porto da saída, de travessia, de trampolim. O outro como salvação. Por que não? E, “de uma coisa eu sei, meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada” (Lispector,1999).

O outro, do mais erudito ao mais simples. Quantos ensinamentos temos de nossos avós, quantas leituras das palavras em experiências encontradas neles? Somos muitas “histórias alheias”. E, como diz o poeta português, “eu tenho os outros em mim, mesmo longe deles sou forçado ao seu convívio. Sozinho, multidões me seguem. Não tenho como fugir. a não ser fuja de mim” (Pessoa, 2014, p. 441).

Ao guardar os outros em mim, escuto deles suas palavras, palavras amorosas, palavras que me fazem, me humanizam. Palavras que encorajam, palavras que acarinham, palavras que nos impulsionam para o amanhã. “vá minha fia, você consegue”, “vá para escola pra virar gente”, “estude”, “sei que é capaz”, “sei de sua coragem”, “você é minha riqueza”, entre outros incentivos valiosos. Acrescente-se que os fundamentos que amparam a vinculação leitura e educação, e, com efeito, o outro, não param por aí.

O livro, seja humano, seja impresso, seja eletrônico, seja digitais, sejam os mares, sejam as montanhas, seja o verde das matas, seja do lindo azul do céu, atenua as incertezas, alivia o medo, o desassossego, o luto, da dor, dar luz as contingências da vida (Queirós, 2012) E o que é educação senão a sabedoria ou o fundamento para lidar e agir frente as contingências da vida, encarar ou ficar frente a frente diante dos olhos da incerteza, da urgência, de situações difíceis de prever. E, assim, drenar a dor, a tristeza e transforma o medo em desafio para dar lugar a coragem.

Se é certo que, no Brasil “se lê pouco” é certo, igualmente, que a leitura não foi estimulada na infância, embora quase sempre a criança fica entusiasmada quando tem acesso a literatura. É imperativo atentar para essa realidade que atinge a parte majoritária de crianças de todo o mundo, e combatê-la. Crianças que não leem na infância, serão adultos indiferentes aos livros. Diz Desmurge, (2024, p. 32):

A maioria dos lares, mais do que os livros, agora são as telas recreativas, bem menos benéficas para o desenvolvimento, que colonizam e monopolizam o tempo livre das crianças pequenas. Isso é lamentável e, sem dúvida, preocupante, porque, como resume uma pesquisa recente, “o lugar ocupado pela leitura na infância tem um peso significativo na vida adulta.

Diante dessas considerações é curioso ressaltar que entre plurívocas artes, a exemplo do teatro, arte fílmica, canto, poesia, a dança, o livro, a literatura se afirmar como tecnologias que servem para educar, embora cada uma delas, contribui, em maior ou menor escala, para humanização, bem como partilhar nossa humanidade e construir experiências exitosas de ensino e de educação. É fundamental privilegiar o livro e a leitura para uma educação buliçosa e libertadora. Sobre o que iremos discutir no próximo passo.

Leitura, arte-educação: ler para quê?

O fundamental ao promover a leitura, educativa e buliçosa, é convocar o sujeito a tomar da sua palavra. ter a palavra voz, é antes de tudo munir-se (...) ler é cuidar-se, rompendo com as grades do isolamento. Ainda que se reconheça, ao ler, “como um ser propício a solidão” e confirmar-se como ser solitário, “mas, mesmo assim, condenado a procurar encontros” (...) (Queirós, 2012). Se apropriar de sua palavra, escutar sua voz, esticar os horizontes. E ter no seu baú as tecnologias de que precisa para educar-se, para existir, para alumiar seu caminhar.

Ler para sentir-se abraçado. Como fazia o poeta Manuel de Barros (2009) que no seu baú, nunca faltava quatro instrumentos: quais sejam: abridor de amanhecer, prego de farfalha, encolhedor de rios esticador de horizontes”. Alguns podem desconfiar dessas escolhas, mas o educador há de concordar que um esticador de horizontes é de grande valia no caminho

perscrutado de educação, pois que esta tem como meta aquela – esticar e elevar os horizontes. Educar!

A leitura seguramente vem ao encontro do melhoramento da convivência humana. Houve uma época em que as pessoas se encontravam para partilhar suas leituras. Por vezes se planejava para práticas de leitura, compartilhada em voz alta, durante as férias. Num encontro do “sábado pedagógico” em Porto-Portugal, um educador português, fundador da escola moderna, Sergio Niza dizia que gostava de ler em voz alta, junto com os amigos, Os Lusíadas em momentos de férias escolares e, de volta para casa, se via outro diferente da partida. Transformado por meio da leitura. E, portanto, mais humano. Experiência que se deu na convivência amorosa e divertida de férias, entre amigos.

Não há educação, de acordo com Freire, Barthes, Bilac, se não há um profundo amor entre os homens pelo mundo, amor as pessoas, amor as palavras – ao que se diz e a forma como as coisas são ditas. “num tom ante histérico” o professor vai levando aquela sabedoria a alguém que quer aprender e “gosta muito de linguagem”. Gosta muito de palavrão. Gosto pela língua portuguesa. Como diz o soneto a Última flor do Lácio de Olavo Bilac (2025):

Última flor do lácio, Inculta e bela. És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo que na ganga impura. A bruta mina entre os cascalhos vela. Amo-te assim, desconhecida e obscura(...) amo-te, ó rude e doloroso idioma. Em que dá voz materna, ouvi “meu filho”. Em que Camões chorou no amargo exílio. O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

É importante resgatar o amor pela língua portuguesa, pois que um sentimento mais nobre pode retirar a língua dos riscos que corre na sociedade digital ou no mundo da digitalização, das palavras abreviadas, das frases curtas, de preguiça de pensar e ler ou ler e pensar, pois ambas as ações reverberam uma na outra e faz do leitor uma pessoa melhor. Ambas as ações pedem lugar privilegiado na formação do aluno e aluna em todas suas etapas e níveis. É necessário aprender a pensar. A experiência de ler acaricia a experiência de pensar. Este não larga daquele. Muitos na sociedade contemporânea, sobretudo com a penetrabilidade da tecnologia digital, de crianças bem pequenas a adultos, dedicam muito mais tempo aos ecrãs que aos livros. Se rendem a experiência da leitura e da escrita potenciada por palavras buliçosas, mas que ora dormitam, ora volitam “nas ondas do vento”, entre borboletas e escorpiões.

Considerações finais

Profissionais da educação, da saúde mental, das letras, das artes, da cultura, das humanidades, têm papel relevante em todo esse enredo antes construído, decorrente de

pesquisa bibliográfica recente apresentada por ocasião do evento “Arte em movimento: diversidade e educação”, 2025, ocorrido nas dependências da Universidade Federal de Sergipe.

Somos feitos de palavras, mas assim como podem vir como borboletas, também chegam como escorpiões. Que sejam bem-vindas as palavras que nos alimentam, palavras de pérolas. Não palavras que voam com o vento e vêm com o veneno do escorpião. Mas a palavra que cala na alma e chega de mansinho com a mesma boniteza das borboletas que se aconchegam no meu jardim. Palavras arteiras. Palavras amorosas. Palavras buliçosas. Escritas em mim, escritas na gente, em nós. Escritas na areia, nos mares, no horizonte, nos papiros, nos livros, nos lírios, nos ritmos dos respiros de dor ou de amor.

A poesia de João de Barros, poeta, pedagogo, político português (1881-1960), atesta a força da palavra, quando diz: “estou a me ser em cada palavra”. Quando mostra que quem guarda a poesia em qualquer lugar que seja, “não é o amor, não é a flor. Mas a palavra”. (Barros, 2009). Palavra que ativa nossos sentidos, nossas memórias e abrem as portas por onde haveremos de passar, exercendo nosso ofício, marcando com sinais. Sinais que elevam nossa humanidade e movimenta nossos pensares, impulsiona nossos fazeres, estica os horizontes de nossos alunos.

A arte, a leitura, a palavra que se multiplica entre borboletas, não entre escorpiões, tem parte expressiva nesse enredo, assim como o fez Babete, personagem do filme que recebeu o mesmo nome da protagonista – Babete selecionava os melhores temperos, as combinações de aroma mais agradáveis, seu trabalho é bom e vai agradar por ser o melhor de si. Jantar saboroso, feito com sensibilidade, criatividade e gosto. Feito com arte e afeto.

A arte não pode se prender em apreciar apenas o que está suspenso em paredes, mesmo contemplando as obras mais fascinantes, nem preso em museus, mesmo os mais antigos e encantadores, mas importa imprimir o melhor de si. Isso envolve gosto, criação, ciência, leitura, sabedoria pedagógica e, com efeito, disposição para imprimir no seu ofício a dimensão humana. Em educação, a arte não pode se prender aos limites de um plano didático, mas, insistimos, o melhor de si, melhores sabores, temperos, combinações, se fazendo artesão do humano na esteira de uma educação buliçosa e libertadora. Aprender e gostar de ler, sobretudo na educação básica, ganha vulto. Assim, importa chegar mais perto da palavra, ainda que, por vezes, venha com o veneno dos escorpiões, distante da boniteza e leveza das borboletas.

Referências

ALVES,Rubem.**Escutatória**.Disponível
site:<http://rubemalves.locaweb.com.br/hall/newfiles/escutatoria> Acesso em: 7 ago, 2025.

HANNA Arendt. A crise da educação. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BARROS, Manuel. **Amor Ímpar**. São Paulo: Parábola, 2009.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2013.

BILAC, Olavo. **Língua Portuguesa: Última flor do Lácio**. Disponível no site pensador.com Acesso 7 ago 2025.

CALVINO, Ítalo. **Se um viajante numa noite de inverno**. Companhia das Letras, 1999, trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das letras,

DESMURGET, Michel. **Faça-os ler! Para não criar cretinos digitais**. São Paulo: Vestígio, 2024.

DRUMOND, Carlos. Procura da poesia. In: **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra: 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **O caminho se faz caminhando**. 2011.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura.: estudios sobre literatura y formación**. Barcelona: Laertes, 1998

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. RJ: Rocco, 1999

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. SP: Companhia das Letras, 1997

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça**. São Paulo: Sesc, São Paulo, 2017.

MANGUEL, Alberto. **Notas para definição do leitor ideal**. São Paulo: Sesc, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Editora UNICAMP, 2015.

PENNAC, Daniel. **Como um Romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

PENNAC, Daniel. **O diário da Escola**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PESSOA, Fernando. **O livro do Desassossego**. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2014.

ROMÃO, Eliana. **Educação de bocadinho em bocadinho: Criança e Leitura**. Curitiba: CRV, 2020.

QUEIRÓS, Bartolomeu. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

QUERÓS, Bartolomeu. Tenho medo das palavras. In: **Com a palavra Bartolomeu**. São Paulo: Pedro & João Editores.

SUJOMLINSKI, Vasili. **PensamientoPedagogico**. Moscou: Progreso, 1975.

VIGOTISKI, Lev Semionovitch. A criação literária na idade escolar. In: **Imaginação e criação na infância**. Trad. Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: expressão popular, 2018.

WITHMAN, Walt. **Folhas de Erva**. Lisboa: Assírio Alvim, 2003.